

When the future leaks out: **Sobre o legado e a** **atualidade de** **W.S. Burroughs***

Jeudiel Martinez

*Sociólogo da Universidade Central de Venezuela, onde foi professor convidado.
É autor do livro “A Rebelião Obediente”, sobre o colapso da Venezuela*

* For Inspector Lee and Margaras, the White Cat. In the hope that they have reached the Western Lands.



Today men's nerves surround us; they have gone outside as electrical environment. The human nervous system itself can be reprogrammed biologically as readily as any radio network can alter its fare. Burroughs has dedicated Naked Lunch to the first proposition.
Marshall McLuhan

Toda buena novela es una adivinanza del mundo.

Gabriel Garcia Marquez.
Fugindo do Mayflower

Cara, é um milagre mesmo. Não só por já estarmos em 2021 e vivos, mas porque Burroughs ainda não foi cancelado. Talvez o tenham esquecido mesmo. Ou talvez esteja na fila, mas a fila é bem longa. Os tiras já pegaram Lovecraft o que eu acho que é *overkill*, a vida desse cara foi um castigo mesmo e o coitado está morto: não podemos ler *In The Mountains of Madness* e ao mesmo tempo concordar que era também um escroto? E, mesmo assim, a cultura tá cheia dele ou de seus tentáculos. Quando a Haraway disse que seu “Chthuluceno” não tem nada a ver com Cthulhu, só me posso perguntar se seu problema é uma overdose de esnobismo ou simplesmente não quer que seus amigos progressistas pensem mal dela.

Logo, quase conseguiram tirar os nus de um museu inglês porque “objetificavam” a mulher: na realidade foi um experimento (ou uma advertência): a censura não se cria nem destrói só se transforma. Enquanto isso, alguma militante feminista desnuda seus seios para escandalizar a “sociedade patriarcal” (??) que se nutre do *Onlyfans* e *Pornhub*. É difícil seguir a lógica: porque os nus nas obras de arte não podem também escandalizar a “sociedade patriarcal”? Porque a militante não objetifica a si mesma?

Eu sei que o Gauguin está já na mira e a operação para cancelar o Maradona, embora não tenha dado certo, foi bem forte. A lógica dos tiras temos que admitir, é impecável: Lovecraft era um racista, Gauguin um turista sexual e o Maradona, o que não seria?? Os que vêem estátuas gregas objetificam a mulher e aqueles com um parceiro mais jovem são pedófilos disfarçados, embora o parceiro tenha mais de 30 anos. Vocês conhecem já a rotina: “o autor é inseparável da obra”, “*check your privilege*”... “*a ver machirulo, contra la pared, déjame ver los bolsillos*”. Os suspeitos habituais são aqueles “brancos, cis, héteros”, mas enfrentemos os fatos: qualquer um pode ser culpável. Eu estaria exagerando? Então você não viu aquele vídeo numa universidade americana onde uma moça negra [empurra, encurrala e pede explicações](#)¹ a um garoto branco pelo crime de usar *dreadlocks*?. Isso sem falar das ondas de acusações anônimas que causaram suicídios no [México](#)² e na [Argentina](#)³.

E não, eu não sou de direita, não tenho nada contra o Black Lives Matter ou os direitos das mulheres a serem gerentes gerais da galáxia ou caminhar pela rua. Burroughs também não. Mas ele sabia, e eu sei que esses identitaristas são *Liquefacionários*, que esses politicamente corretos são agentes dos Emissores, que já estão coligados há tempo – desde os 80s pelo menos – “*nova força solta no mundo como uma doença rasteira, que se espalha, que se abate*”. Não é surpresa que o moralismo que saiu pela porta dos fundos volta orgulhoso pela principal falando não em nome de Deus, mas das vítimas: formas corretas de falar, complexas gírias burocráticas, rígidos algoritmos neurolingüísticos codificados

¹ Mike Moffitt . White SF State student with dreads accused of 'cultural appropriation'. SFGATE Março 29, 2016. <https://www.sfgate.com/bayarea/article/White-SF-St-student-with-dreads-accused-of-7215259.php>

² Andrea Amaya Tras el suicidio de Armando Vega Gil, el movimiento #MeTooMúsicosMexicanos no publicará más acusaciones Abril 05 2019 - <https://www.france24.com/es/20190404-armando-vega-gil-abuso-sexual>

³ Agencia Telam. La madre del joven de Bariloche que se suicidó dijo que se retira de las redes para hacer su duelo. <https://www.lavoz.com.ar/ciudadanos/madre-del-joven-de-bariloche-que-se-suicidio-dijo-que-se-retira-de-redes-para-hacer-su-duelo>



por brandos jogadores de xadrez paranoicos, *the mob becoming police as the mob always wanted*. E o Burroughs era branco, “cis”, e quase “hétero”, na realidade até foi feminicida (embora acidental), turista sexual e como pai deixou muito a desejar. Quase como Maradona, mas nem tanto. Eles vão procurá-lo – temo que sim – inclusive lá nas Terras Ocidentais. Lá na Interzona.

O fato de que seja associado com a contracultura e a rebeldia – e que fosse homossexual -- explica talvez que até agora ele conseguiu deslizar-se através das fendas. Talvez ele esteja um pouco esquecido. Mas os homossexuais já não são os “aliados” que eram antes, mas outros agentes do patriarcado explorando os ventres das mulheres... E o Burroughs com suas relações com moços, suas violentas vinhetas pornográficas, seu gosto pelas armas... Eu sei que será acusado até de criar o Maradona num laboratório em Marrocos.

Já as lendas menores da velha contracultura como Crumb e o Howard Chaykin experimentaram, com surpresa, o chicote da nova polícia, especialmente Chaykin que, ao apresentar em sua série de quadrinhos *Divided States of Hysteria* cenas de violência contra um transexual e um linchamento de um indiano achou que estava fazendo uma denúncia, mas logo viu que os tempos tinham mudado: “Achei o trabalho incrivelmente desagradável (...) moralmente duvidoso, na melhor das hipóteses, e abominável, na pior das hipóteses”⁴.

Isso não é muito diferente daquilo que, *back in the day*, foi dito sobre o *Almoço Nu* que, evidentemente, é – além de muitas outras coisas – pornográfico e usou suas vinhetas escritas com a mesma intenção que o Chaikin usou as desenhadas. Em Boston, em 1960, foi proibido por apresentar cenas de assassinato de crianças, pedofilia e, em geral, obscenidades. Não esqueçamos que os colonos do Mayflower eram *puritanos* e fugiram **procurando a liberdade de exercer uma religião com uma moral que suga a alegria da vida**. E assim, exatamente 313 anos depois que os puritanos do Mayflower fugissem para a América, perseguido por uma série de ações questionáveis que o forçaram a fuga, William Seward Burroughs, até então um mauricinho questionável e repreensível, fez outra fuga ao exótico Oriente procurando – por que negar? – moços e drogas, numa

⁴Joe Glass. “Howard Chaykin Responds To Controversy”. *Bleedingcool*.
<https://bleedingcool.com/comics/howard-chaykin-responds-controversy/#:~:text=The%20latter%20controversy%2C%20the%20cover.between%20themselves%20and%20Howard%20Chaykin%2C>

viagem que foi também uma fuga do Mayflower em busca de liberdade. E dessa viagem nasceu, como vocês conhecem, um dos livros mais extraordinários do século XX, um que – fora dos slogans e da publicidade das editoras – pode ser chamado de revolucionário.

Hack the Casbah

“Este romance é um cenário para ação futura no mundo real. *Junk*, *Queer*, *Yagé*, reconstruíram meu passado. O presente romance é uma tentativa de criar meu futuro. Em certo sentido, é um guia, um mapa. O primeiro passo para a realização deste trabalho é deixar o lixo para sempre.”

Este é o Burroughs, já em Tânger, falando do seu novo projeto chamado *Interzone*. E rapaz, ele criou um futuro: evidentemente sua carreira literária e sua imagem na contracultura, mas, nesses manuscritos, também estão *Neuromancer*, *Crash*, os *X-Men* e os *Invisibles*, o Punk, Cronenberg, *Akira*, e *Inception*, a liposucção e os seios de silicone, as façanhas dos hackers e os grandes vazamentos de informação na linha do Wikileaks e do Anonymous, os drones e as torturas em Guantánamo Bay, ou nos cárceres israelenses: a paródia e a rapsódia de um novo tipo de luta para um novo tipo de sociedade que 50 anos depois Gilles Deleuze chamaria, dando-lhe seu devido crédito a Burroughs, a sociedade do controle.

Na realidade a *Interzone* era a muito real “Zona Internacional de Tânger” criada em 1923 pela Espanha, França e Reino Unido como uma zona desmilitarizada com uma administração conjunta e dissolvida logo depois da independência do Marrocos em 1956, quando Burroughs ainda morava lá, aproveitando os privilégios de americanos e ingleses na zona com ampla tolerância em relação às drogas e a homossexualidade⁵. *Interzone* teria sido autobiográfica como *Queer*, *Junkie* e as *Cartas do Yage* se não fosse pelas metamorfoses fantásticas que Burroughs fez de suas próprias experiências e do ambiente da cidade árabe povoada por estrangeiros de todo o mundo e atravessada pelas convulsões da independência. Já foi mostrado como as experiências da violência da independência do Marrocos e da *Casbah Arabe*⁶ foram decisivas não só para o *Almoço Nu*, mas para a obra do Burroughs nas décadas seguintes.

⁵ Richard Hamilton. How Morocco became a haven for gay Westerners in the 1950s. BBC World Service. Outubro 2014. <https://www.bbc.com/news/magazine-29566539>

⁶ Stacey Andrew Suver. *Interzone's a Riot: William S. Burroughs and Writing the Moroccan Revolution*. *Journal of Transnational American Studies* (JTAS) 8.1 (2017).

Do ponto de vista de McKenzie Wark, *Almoço Nu* poderia ser visto como um prodigioso *hacking* da experiência marroquina de Burroughs: “*Produzimos novos conceitos, novas percepções, novas sensações, hackeadas a partir de dados brutos (...), somos os abstracionistas de novos mundos.*”⁷ E o Tânger abstrato, virtual, fantástico é a *Interzone* e a *Terra dos Mortos*⁸. *Interzone*, “*A Cidade Composta, onde todo o potencial humano estende-se por um imenso mercado silencioso*” é o modelo do *Sprawl*, dos romances de Gibson – e de todo o fundo do ecossistema do Cyberpunk. Poucos objetos poéticos na literatura americana são comparáveis com “O Mercado” onde o Burroughs descreve o coração da interzona:

*Adeptos de inimagináveis ofícios obsoletos que escrevinham em etrusco, viciados em drogas ainda não sintetizadas, negociantes de harmina potencializada, junk reduzida a puro hábito que oferece uma precária serenidade vegetal, líquidos indutores da condição de latah, soros de longevidade titonianos, negociantes do mercado negro da Terceira Guerra Mundial, extirpadores de sensibilidade telepática, osteopatas do espírito, investigadores de infrações denunciadas por enxadristas levemente paranoicos, oficiais de justiça em posse de mandatos fragmentários redigidos em caligrafia hebefrênica com acusações de mutilações indizíveis do espírito, burocratas de repartições espectrais, funcionários de estados policiais não constituídos*⁹...

No texto, *Interzone* é a cidade fictícia, mas também a experiência corporal do Yagé na qual as outras raças circulam pelo corpo do escritor como se a cidade mesma fosse uma das “*Entidades larvais à espera de Alguém Vivo*” e a droga permitisse sua encarnação. É nesse momento em que a obsessão americana em relação à raça, à identidade, à origem e à herança, os pequenos guetos, (toda a tristeza herdada pelos ativistas) se dissolve numa “*formosa onda azul*”

“Minhas pernas assumem um formato polinésio e bem torneado... Tudo se agita com vida fervilhante e furtiva... O quarto pertence ao Oriente Próximo, aos negros, ao Pacífico Sul e a algum local familiar que não consigo definir... Meu corpo é atravessado pelo sangue e pela essência de muitas raças, negros, polinésios, montanhese mongóis,

⁷ A Hacker Manifesto. McKenzie Wark. Cambridge, Massachusetts, and London, England, Harvard University Press, 2004.

⁸ Stacey Andrew Suver. *Ibid.* p.p. 15.

⁹William S. Burroughs. *Almoço Nu*. Tradução: Daniel Pellizzari. Companhia Das Letras. 2016, p.p. 113.

*nômades do deserto, políglotas do Oriente Próximo, índios e raças ainda não concebidas ou surgidas... Migrações, jornadas incríveis através de desertos, selvas e montanhas*¹⁰

Nesse processo – que fica claro na correspondência da época – Burroughs não só fez a devoração ou o hacking (há alguma diferença??) de suas próprias experiências e percepções do Marrocos e da Zona Internacional, mas da mesma independência numa elaboração sobre a revolução, suas glórias e vergonhas, que continuará tanto nas trilogias *Nova* e das *Cidades Vermelhas* como em seus ensaios dos anos seguintes: no *Almoço Nu*, sua devastadora caricatura do Líder do Partido como um gangster e manipulador não é ataque contra o movimento anticolonial, mas uma crítica semelhante àquela de Fanon¹¹ e Depestre, das elites nacionalistas e anti-imperialistas que substituíram as elites colonialistas e internalizaram seus procedimentos.

Desde o *Almoço Nu*, a obra de Burroughs foi um esforço de se fazer uma “mitologia da era espacial”¹², isto é, uma épica da linha de fuga no estilo americano em que a resistência e o controle estão vinculados com a procura da “última fronteira” cósmica que, paralelamente ao *cosmismo* russo, é também fuga e luta contra a morte. Fuga da fuga, “revolução na revolução” desde as páginas cômicas e reveladoras sobre os partidos de Interzonas até o melancólico final das Terras Ocidentais, a obra de Burroughs é, antes de tudo, política: o canto do cisne da revolução americana e a esperança de outra além “*da última e maior traição do último e maior dos sonhos humanos*”.¹³

The Electronic Revolution

William Seward Burroughs II, o autor do *Almoço Nu*, foi o neto do William Seward Burroughs I, inventor da calculadora e um dos pioneiros da informática. Além das rendas da patente da invenção e da venda das ações da *Burroughs Corporation*, que financiaram por 25 anos o estilo de vida playboy e irresponsável do William II, a cibernética – a ciência do controle – foi o elo mais forte e misterioso entre o avô e o neto: a literatura do Burroughs é, talvez, não só uma das primeiras que abordaram a cibernética,

¹⁰ Ibid, p.p. 114.

¹¹ Ibid, p.p. 11.

¹² Ted Morgan. *Literary Outlaw: The Life and Times of William S. Burroughs* (London Pimlico, 2002; first published 1988), 333.

¹³ William S. Burroughs. *A Thanksgiving Prayer*. 1990 The Island Def Jam Music Group. <https://www.youtube.com/watch?v=sLSveRGmpIE&t=6s> 2:003.



mas foi a primeira a tratar a literatura como um fluxo de informação qualquer, sem privilégio nenhum frente às imagens, às filmagens ou aos *tracks* dos discos: embora Burroughs só usará o *Cut-Up* e o *Fold-in* logo ao terminar o *Almoço Nu*, o texto tinha sido misturado aleatoriamente quando Burroughs enviou apressadamente o manuscrito para a editora.

São essas complexas técnicas experimentais do “DJ” Burroughs as que separam sua literatura da ficção científica especialmente daquela do *New Wave* que iniciaria quase ao mesmo tempo da publicação do *Almoço Nu*: enquanto a narrativa da ficção científica é totalmente linear, a prosa do Burroughs também é experimental até na expressão e no estilo. “*Suas técnicas são ficção científica em si mesmas*” disse Michael Moorcock¹⁴, o fundador da revista *Novos Mundos*, o coração da *New Wave* da ficção científica. Mas é JG Ballard, o autor de *Crash*, um dos primeiros em reivindicar um lugar para Burroughs entre os grandes escritores do século XX.¹⁵

A ficção científica antecipa o que vai acontecer pelo método de entender a tendência do que está acontecendo: “Qual é a próxima pergunta?”, disse Theodore Sturgeon. A pergunta do *Almoço Nu* é **sobre o controle**: o que é e como pode ser combatido? O livro certamente entende as tendências da técnica, das comunicações, da telemática e dos *mass media*, mas extrai sua heurística principalmente do narcotráfico, da “Álgebra da Necessidade” da consideração do poder que o “vírus da droga” dá ao traficante: nem o tráfico – nem a guerra contra as drogas – são coisas marginais, **são modelos para o futuro**.

Orwell pensou na imagem macroscópica de Stalin. Burroughs na imagem infame e microscópica do *dealer*, do traficante anônimo que controla o adicto à distância. No *Almoço Nú*, pela primeira vez, drogas, vírus e sinais de televisão não são coisas disparatadas, mas aspectos do mesmo inimigo que Burroughs caracteriza com teorias conspiratórias e charlatanismo, mas também com reflexões rigorosas e antecipações lúcidas “*O que eu estou tentando fazer na escrita Este romance é sobre transições, formas larvares, faculdade telepática emergente, tentativas de controle...*”

¹⁴Michael Moorcock. “A New Literature for the Space Age”. *New Worlds* 142, May/June 1964, <https://realitystudio.org/criticism/a-new-literature-for-the-space-age/>

¹⁵J.G. Ballard. Terminal Documents: Burroughs reviewed by Ballard. *Ambit* #27, London, 1966. https://www.jgballard.ca/non_fiction/jgb_reviews_burroughs.html

Já as grotescas metamorfoses dos adictos no segundo capítulo diferenciam este livro “para criar o futuro” dos anteriores sobre o passado, mas é com a aparição de Benway que a literatura de Burroughs muda numa mistura de fábulas ao estilo da tradição de Swift, ficção científica e ensaio teórico, alguma coisa entre a Metamorfose do Kafka e os quadrinhos da *E.C. Comics*. Benway é “*um manipulador e coordenador de sistemas simbólicos, um especialista em todo tipo de interrogatório, lavagem cerebral e controle*”¹⁶ que prefere as drogas e a manipulação da conduta às torturas, antecipando as novas técnicas de interrogatório.

Controle é o poder à distância, a projeção de sinais, de impulsos, imagens e desejos, até de movimentos: “*A extensão natural da pesquisa encefalográfica é o biocontrole do movimento físico, dos processos mentais, das reações emocionais e das impressões sensoriais aparentes por meio de sinais bioelétricos injetados no sistema nervoso.*”¹⁷. No extremo, pode transformar um ser vivo em um boneco guiado por fios invisíveis “*Um receptor de rádio em miniatura poderia ser conectado e o sujeito poderia ser controlado por transmissores controlados pelo Estado*”¹⁸, porém, o Controle pode ser muito mais sutil do que isso: você poderia estar sonhando sonhos que não são seus, desejando os desejos de outros.

Os sonhos de quem, os desejos de quem? Dos Emissores, criaturas capazes de “*emissões telepáticas de sentido único para informar os trabalhadores a respeito do que e quando sentir*”¹⁹, e detrás dos emissores vem o horror da Centopéia Negra e além da Centopéia talvez a morte mesma. O controle, claramente, mobiliza a técnica, mas você não vai encontrar aquela depressão chata dos epônimos da escola de Frankfurt – especialmente os da França e agora, inclusive, os da Coreia – nem a rejeição da técnica, nem uma invocação romântica do passado - aquele ódio pela antena do televisor. Pelo contrário, Burroughs não recomenda a você o *unplugging*, mas uma reconexão, uma mudança nas ligações, a eloquência muda das imagens além das palavras e a luta eletrônica e telepática: o *Almoço Nu* não é um relato distópico sobre um sistema cibernético perfeito em que as botas das máquinas oprimem teu rosto; é intento de fazer,

¹⁶ William Burroughs. *Naked Lunch*. The Restored Text. London, New York, Toronto and Sydney. Harper Perennial, 2005, pp. 19.

¹⁷ *Ibid*, pp. 136.

¹⁸ *Ibid*.

¹⁹ William S. Burroughs. *Almoço Nu*. Tradução: Daniel Pellizzari. Companhia Das Letras. 2016, pp. 166.



desde a experiência da “cura” do Burroughs do vício (seja essa cura real ou não) a procura de uma nova arte da luta ou da subversão.

No *Almoço Nu*, os “Fáticos” – a primeira das sociedades subversivas fictícias de Burroughs – não têm uma posição dogmática em respeito à telepatia, a arma definitiva dos Emissores: “É com ênfase que declaramos não sermos contrários à pesquisa telepática. Aliás, se compreendida e usada corretamente, a telepatia pode vir a se tornar a defesa suprema contra qualquer forma de coerção organizada ou de tirania por parte de grupos de pressão ou viciados em controle individual (...). Por sua própria natureza, **a telepatia não é um processo de mão única**”²⁰. Não há tecnofobia em sua obra: para ele o instrumento é neutro ou ambivalente mesmo, sem maior significado que aquele que recebe na estratégia que o apropria. Então a luta sempre pode virar técnica contra técnica, o controle contra o controle, magia contra magia: a multidão dos telepatas contra a Centopeia Negra.

Nesse sentido foi um visionário do hacking. Em *Electronic Revolution*, especula com aplicar os métodos do Watergate e do FBI sobre as elites corruptas: “A operação básica de gravação de imagens e reprodução podem ser realizadas por qualquer pessoa com um gravador e uma câmera (...) Milhões de pessoas podem anular o sistema de controle.”²¹ Inclusive sua ideia sobre o tratamento da apomorfina para os viciados em heroína, embora errada do ponto de vista médico, é simplesmente uma ideia do hacking, a apomorfina é um **antivírus químico**: “a apomorfina age no cérebro posterior, regulando o metabolismo e normalizando a corrente sanguínea de modo que o sistema enzimático da dependência seja destruído”²² É desse jeito conceitual e abstrato do antivírus que, no *Almoço Nu*, se fala constantemente de “vacina”: o vírus é informação mesmo e o vírus da droga – e até da palavra – se espalha controlando os corpos do mesmo jeito que os vírus informáticos controlam os computadores. Mas as imagens e até a escrita mesma podem ser mobilizadas contra o *wordvirus*.

Portanto, a detecção, a espionagem, a química e a eletrônica não são os recursos exclusivos do Estado ou da “razão instrumental”, mas também da subversão. Desde as piadas grotescas do A.J. (que são *pranks* e *hackings*), talvez zombando do James Bond,

²⁰William S. Burroughs. *Almoço Nu*. Tradução: Daniel Pellizzari. Companhia Das Letras. 2016, pp. 169-170.

²¹ William S. Burroughs. *The Electronic Revolution*. Ubu Classics. 2005, pp.12. https://www.swissinstitute.net/2001-2006/Images/electronic_revolution.pdf

²² William S. Burroughs. *Almoço Nu*, p.p. 243.

emerge primeiro parodicamente e logo quase epicamente, a idéia de um grupo que combate o controle hackeando não só as tecnologias, mas as instituições além de seus propósitos originais. Os fáticos são um partido ou facção contra o controle e a liquefação; em Nova Express, o grande adversário é a *Nova Mob*, um grupo criminoso intergaláctico, e o duplo de Burroughs, o Inspetor Lee, um agente da *Nova Police*, luta contra eles em nome da humanidade. Nas Terras Ocidentais aparece **Margaras Unlimited**: “*um serviço secreto sem país (...), uma força policial supranacional com poder total de prisão, busca e apreensão, extraindo informações de todas as polícias e agências de inteligência.*”²³

O pirata, o detetive, o espião, até o escritor: os modelos do Burroughs para novas figuras revolucionárias são literários, mas também pragmáticos personificando formas de combater o controle. E no extremo desse espectro não fica outra coisa a não ser o Gato Branco que faz da caça, a mais antiga das práticas, um novo modelo para a subversão que antecipa o detetive, o espião e o hacker. Como se na volta ao indiferenciado essa subversão encontrasse sua potência maior: “*Margaras pode seguir uma trilha pelos sinais, os pequenos sinais que qualquer criatura deixa para trás por sua passagem, e ele pode seguir uma trilha através de um labirinto de computadores. Todos os arquivos ultra-secretos estão abertos para ele. Os ricos e poderosos da terra, aqueles que se movem nos bastidores, ficam de pé com medo mortal de sua luz*”²⁴.

A trilogia das *Cidades Vermelhas*, onde as revoluções liberais foram amplificadas fantásticamente numa modernidade alternativa, termina melancolicamente com as Terras Ocidentais: “*The old writer couldn’t write anymore because He had reached the end of what can be Done with words. And then?*”. Nas Terras Ocidentais a Interzona já tinha virado um Além, um lugar para as almas, e a procura de uma versão americana da Revolução Permanente ficou misturada com a procura idealista de um “além da vida”. Margaras, o Caçador, com o projeto (que lembra aquele dos cosmistas russos) da procura da vida eterna além da Terra. Burroughs não esteve alheio àquele idealismo que em Baudrillard, Butler, Laclau e Zizek, ganhou a forma dos “textualismos”, “semiotismos”, “discursismos” ou “simulacrismos” cujo êxtase foi o filme *Matrix*. Esquecimento da natureza e do corpo, da realidade, que tem sua forma política na política da identidade (a alma) que, ironicamente, de vez em quando lembra Burroughs e pede seu cancelamento.

²³ William S. Burroughs. *The western lands*. New York, Penguin Books. 1988.

²⁴Ibid. p.p. 54.



Porém, no *Almoço Nu*, em Nova Express, inclusive nas Cidades Vermelhas, Burroughs marca outra polaridade em sua obra e ficamos mais perto da terra e seus quilombos subterrâneos do que da prisão celeste de Matrix. A Interzona é um lugar deste mundo, uma terra média ao mesmo tempo distópica e utópica, paradisíaca e infernal, vibrante, ambivalente e lutadora: fronteira múltipla entre as “raças”, os tempos, os espaços, os sexos, que lembra muito nossas cidades tropicais como Rio, México ou Caracas. A Interzona é nossa vida e cabe a nós, que moramos nela, fazer a próxima pergunta.